

QUANDO BELÉM É PERSONAGEM: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *OS ÉGUAS*, DE EDYR AUGUSTO PROENÇA

Suellen Monteiro Batista (UFPA)¹

Resumo: O presente estudo propõe uma análise do romance policial *Os éguas* (2015), do escritor paraense Edyr Augusto, partindo da hipótese que analisar os crimes e os criminosos presentes no romance é, ao mesmo tempo, pensá-lo como uma modificação dentro de uma tradição do gênero policial e uma possibilidade de observar as dinâmicas de estruturação e organização social na Amazônia, mais especificamente, na cidade de Belém. Ao ponto de podermos questionar: a cidade é um personagem silencioso em *Os éguas*? Para tanto, tomaremos como aporte teórico dessa análise as formulações de Antônio Cândido (1989), acerca da presença da violência na literatura brasileira e, para darmos conta dos aspectos sociais e históricos presentes no romance policial, Julio Pinto (2016) e Mario Pontes (2007).

Palavras-chave: Amazônia; Belém; *Os éguas*; Romance policial; Edyr Augusto Proença.

Introdução

“As fachadas, as multidões humanas, os labirintos de ruas serão, quase sempre, personagens mudos constantes nas narrativas policiais”
Sandra Reimão

A partir, sobretudo, da década de 1970, segundo Idilva Germano (1990), a cidade passou a ocupar um lugar de destaque na literatura brasileira à medida que a discussão sobre a busca por uma identidade nacional foi perdendo força. O espaço urbano surge, nesse contexto, como o lugar de confluência de diversos atores sociais e, por esse aspecto, a cidade torna-se palco de uma série de tensões, tanto individuais, quanto coletivas. Uma abordagem que difere da realizada pelos modernistas na década de 1920, que a viam como um local fascinante e representação exponencial dos avanços tecnológicos.

A cidade retratada como um espaço de ancoragem das tensões decorrentes das relações de poder é o modo como o ambiente amazônico surge nos romances de Edyr Augusto². O que poderia ser um detalhe, não fosse essa uma região, por muitas décadas, retratada com foco em suas relações com a floresta e, por conseguinte, permeada pela

¹ Graduada em Letras (UFPA), mestra em Estudos Literários (UFPA), doutoranda do PPGL-UFPA e professora da educação básica (SEMED/Castanhais). Contato: suellenb@ufpa.br.

² Jornalista, radialista, redator publicitário, esteve à frente do grupo de teatro Cuíra entre os anos de 1982 e 2012 e é autor de uma produção diversa que inclui jingles, peças teatrais, poemas, contos e, até então, cinco romances.

ideia ora de inferno verde, ora de Eldorado. A obra de Proença segue um viés da literatura ambientada no espaço amazônico que aponta para além do exotismo já tão explorado. Constituindo-se por romances que trazem a possibilidade de observar as dinâmicas de estruturação e organização social no espaço urbano que permite uma aproximação/comparação do espaço amazônico com qualquer espaço urbano no mundo. Para abordar tais aspectos, selecionamos para esse estudo o primeiro romance publicado pelo autor, *Os éguas* (2015), ambientado na cidade de Belém, por volta de meados da década de 1990.

Refletir sobre a presença da cidade no romance para além de um mero cenário, ou seja, vendo-a a partir das relações estabelecidas pelos diferentes indivíduos que nela habitam, é fundamental para compreendermos a configuração do romance policial, gênero ao qual *Os éguas* (1993) pertence. No caso do romance em foco, tal aspecto é de tal modo potencializado que podemos questionar: a cidade é um personagem silencioso em *Os éguas*? O que “esses éguas” nos dizem sobre Belém?

1. A cidade e o romance policial

As cidades possuem um papel importante para o surgimento do gênero policial. A atração populacional provocada pela Revolução Industrial levou ao surgimento de uma nova dinâmica social e de novos costumes. Ambos influenciados por avanços tecnológicos e por uma mudança na mentalidade do povo, em decorrência, sobretudo, da difusão dos valores positivistas. É nesse período de efervescência que surge o romance policial. Nele esse conjunto de elementos passa a ser incorporado às narrativas por meio da presença, sobretudo, da cidade no texto.

Ela é fundamental para entendermos o surgimento do detetive, que junto ao crime e ao criminoso formam o tripé que sustenta o romance policial. Segundo Ricardo Piglia (2006, p.76), o detetive é o responsável por condensar os aspectos da investigação que surgem de modo disperso por toda história da literatura, haja vista a literatura criminal e/ou de suspense preceder o romance policial. Nesse contexto, o detetive surge como efeito da tensão entre a multidão e a cidade, é aquele que sabe ler os novos signos que surgem no espaço da cidade (numeração das casas, as impressões digitais, as firmas reconhecidas, o desenvolvimento da fotografia, o retrato dos criminosos, o arquivo

policial, o fichamento) e que permite identificar o homem em meio à multidão, tirando dele o aspecto incógnito. Desse modo o detetive é a transformação do *flâneur* em investigador particular.

Além de servir como espaço, a cidade é o local onde são articuladas as tensões desse novo modo de vida e, por esse motivo, ela pode ser tomada como um elemento catalizador da narrativa policial. Esse movimento permite um olhar peculiar para a cidade, que surge como um personagem mudo no romance, segundo Sandra Reimão (1983, p. 07).

Por essa razão podemos refletir sobre o olhar dado à da cidade de Belém no romance *Os éguas*, de Edyr Augusto (2015).

2. *Os éguas*: a Belém de Edyr Augusto Proença

O romance em análise faz parte da obra do autor paraense Edyr Augusto, que ao todo publicou cinco romances: *Os égua* (1998), *Moscow* (2001), *Casa de caba* (2004), *Selva concreta* (2012) e *Pssica* (2015). Essas cinco obras possuem composições peculiares no que tange ao gênero e a organização da narrativa, porém partilham dois aspectos: são ambientadas na Amazônia e são centradas em crimes de diferentes tipos (homicídios, sequestros, tráfico de drogas e de pessoas etc.).

Os éguas (1998) foi o primeiro romance publicado por Edyr Proença, recebeu na tradução para o francês o título de *Belém* (2013). Esse livro foi vencedor do prêmio Caméléon, concedido pela Université Jean Moulin, na categoria de melhor romance policial estrangeiro. Uma premiação que lhe rendeu reconhecimento e, conseqüentemente, circulação também fora do Brasil, haja vista as diversas traduções de sua obra para outros idiomas como o inglês, o francês e o espanhol.

Observando *Os éguas* em comparação aos demais romances, notamos que ele é o que mais diferencia-se dos demais, por possuir um grau menor de experimentação, assim como de proximidade com a estrutura do romance policial clássico (aquele estruturado em torno do tripé crime-criminoso-detetive).

Partindo desses três elementos, podemos resumir o enredo do romance da seguinte forma: seguindo o modelo do crime do quarto fechado³, a narrativa inicia com a descoberta do corpo de Percival Anthony Simms, cabelereiro conhecido como Johnny Lee, esse crime será investigado pelo delegado Gilberto Castro, que representa uma polícia honesta e incorruptível. Ele tem como auxiliar o investigador Otaviano Saldanha/Bode, eles partilham dos mesmos princípios morais. O último elemento do tripé é o criminoso, que tem como figura principal Cristóvão Gusmão. Ele é líder de um esquema de tráfico, utiliza socialmente a fachada de empresário bem-sucedido na cidade e revela-se, ao fim da narrativa, como mandante do crime.

Paralelo a esse crime, outro homicídio também divide o foco do romance: o assassinato de Lucilene. Apelidada de Babalu⁴, a personagem é uma garota da periferia da cidade que é contratada por Albertino Parente, um homossexual conhecido como Bibi (coreógrafo, figurinista e agenciador de modelos) para um suposto trabalho como modelo, mas ao chegar ao local depara-se com uma orgia promovida por grandes empresários em um motel de luxo de Belém. A beleza de Babalu atrai a atenção do homem que comanda a “reunião”: Cristóvão Gusmão. Ele a espanca brutalmente após ela, durante o estupro, rir do tamanho do pênis dele.

Tentei gritar. Á merda com o escândalo. Não consegui ar. Com a outra mão ele desabotoou a calça e quis me penetrar. Fechei os olhos, imaginei que seria um pau gigantesco [...]. Mas não. Ele era pequeno. Pequeno pacas. Ele começou a fungar e, infelizmente, não consegui prender o riso. Pouca coisa, mas foi um riso. [...] Me deu um tapão pra calar a boca. (AUGUSTO, 2015, p. 61)

As agressões tornam-se mais intensas e a garota acaba desfalecendo. Em uma tentativa de livra-se do corpo, Gusmão o joga por sobre o muro do motel em um quintal. Babalu é encontrada, socorrida e, no hospital, encontra um radialista responsável pelo boletim policial, Bené, que está procurando casos para noticiar. Em razão dos machucados, ela não consegue contar o que ocorreu, somente balbucia o nome do delegado Gil e, instantes depois, falece. O radialista comunica Gil da morte da moça e do mistério que cerca o caso. Ele, então, toma a investigação como uma questão de

³ Ocorre quando o cadáver é encontrado em um ambiente fechado, geralmente, trancado pelo lado de dentro.

⁴ O apelido remete a uma das protagonistas da novela televisiva *Quatro por quatro*, exibida pela Rede Globo em meados da década de 1990.

honra e promete desvendá-lo. Desse modo, o delegado e o criminoso estabelecem uma ligação com os dois crimes, que compõem a trama policial.

Esses dois crimes desenvolvem-se durante a narrativa de modo paralelo, porém como construções distintas para o leitor, pois enquanto o homicídio de Johnny gera a incógnita: quem matou? O homicídio de Babalu gera o questionamento: haverá punição para o culpado, por ele ser um homem da classe alta? Desse modo, a narrativa elabora um panorama abrangente da sociedade retratada, pois revela diversos grupos sociais que a compõe e as diferentes relações estabelecidas entre eles (de favor, de subserviência, de interesse etc.). Desde a empregada que avalia como banal a pedofilia cometida pelo patrão, por ele ser uma pessoa “boa”, já que a retirou de uma vida de miséria, passando pelo casamento por conveniência para manter um padrão de vida abastado e chegando às esferas de poder, ao retratar a polícia sob uma teia de conveniências e subornos.

Segundo Mario Pontes (2007, p. 22), a “razão de ser da literatura policial é o crime”, é ele o responsável por ordenar a trama, pela construção dos perfis envolvidos, mas para que ele ocorra faz-se necessário que um conjunto de elementos sejam mobilizados e articulados no romance e formem o que Ponte (2007) denominou como **mundo do crime**, que corresponde a essa matéria social que se oferece ao escritor, cabendo a este selecionar o modo como ela vai ser moldada na narrativa. Em *Os éguas* (2015) esse mundo do crime é ambientado na cidade de Belém, que, embora, seja retratada em algumas passagens do texto com uma atmosfera pacata⁵ é palco de uma intensa disputa por poder econômico e, sobretudo, social.

Na obra, apesar da relação estrutural com o romance policial clássico, a centralidade da narrativa não está na descoberta do autor do crime, mas no desvendar de um universo (pessoas e situações) que possibilita que o crime ocorra daquele modo e que o desfecho da narrativa culmine na impunidade do(s) criminoso(s), apesar deles serem identificados ao fim do romance, e na morte do investigador e do detetive.

⁵ “Ia atravessar a rua. Uma manga anunciou sua queda abrindo caminho por entre as folhas. E um ruído que qualquer paraense conhece. Ela caiu bem próxima, amarelinha, reluzente, gorda, apetitosa. São alguns segundos de indecisão. Pego ou não pego? E, ao primeiro passo, se percebe que outras pessoas pensaram a mesma coisa. Naquele caso, era uma senhora idosa, pobre, com aquelas sacolas de feira, pé-de-chinelo, que correu celeremente e chegou à sua frente alguns passos. Olhou-o de maneira triunfante, olhos brilhantes, felizes. Ele aceitou a derrota. Fazia parte do acordo não escrito entre os disputantes de mangas caídas na via pública. Rápido ela cheirou a manga e botou na sacola, retomando seu rumo” (AUGUSTO, 2015, p. 65).

A importância do humano é sinalizada desde o título do livro. “Égua” é uma expressão muito usada na cidade de Belém e possui uma plurissignificação, servindo para indicar espanto, alegria, raiva etc. Entre esses vários sentidos, quando usada como substantivo masculino, caso do título do romance, exerce a função de um xingamento, que qualifica a pessoa que o recebe como vil, sem caráter e sem moral. Ou seja, o título sinaliza que pessoas com essas características são o centro do romance⁶ e são elas que formam a cidade, que a movimentam, estão em diferentes camadas sociais e, apesar da separação social, elas se relacionam e dessas relações surgem os conflitos, que culminam nos crimes.

Observar esse percurso narrativo é operar um movimento de desvelamento de uma sociedade e é uma estratégia composicional observada em outras obras policiais, como, por exemplo, a de Leonardo Sciascia, escritor siciliano, que Júlio Pinto (2016), ao analisar a menção à crimes verídicos no texto ficcional, aponta como textos que permitem traçar um perfil da cidade de Sicília como um local marcado pela dominação da máfia. Em *Os égua* (2015), não temos uma máfia aos moldes sicilianos, mas encontramos a exposição de uma corrupção intrincada na estrutura social que expõe a lei como algo passível de ser maleável, bastando para isso ter poder aquisitivo. Tal aspecto é exposto, em especial, quando trata-se da investigação do homicídio de Babalu. Ao questionar o delegado responsável pelo caso, Gil é surpreendido com sua recusa a investigar o crime e diante da sua insistência, o delegado responde que ele não entende o funcionamento da instituição. Como podemos perceber no seguinte excerto: “Então o buraco é mais embaixo. Tu é da nova geração, né? Então é por isso que muita coisa te escapa.” (AUGUSTO, 2015, 153). A situação de negligência com o caso torna-se mais evidente quando Gil é questionado e ameaçado por um delegado da polícia federal:

Tinha uma visita.
— Delegado Mário. Polícia Federal.
— Gilberto Castro.
— Estive com o diretor, antes. Ele não sabia de nada [...] O diretor lá da Cidade Nova ligou pra gente.
— Mas já?
— Ele tá com medo de dar em merda.
— O quê?
— Olhe doutor Gil, ele me disse que o senhor está nervoso com isso. A menina parece que era sua amiga, não é? [...] Vai ter que parar.

⁶ Tal centralidade também torna-se evidente na escolha do título da edição francesa: *Belém* (2013). Temos a expressão “os éguas” substituída pelo nome da cidade.

- Parar?
— É. Parar. O buraco é mais embaixo.
— Porra, tem um assassino frio...
— E também a grande figura do tráfico em Belém e arredores.
— E daí?
— Daí que estamos perto de pegar o cara, sabes? Coisa pesada, Polícia Federal, o caralho... Aí tu chegas com essa história de Babalu e podes estragar tudo, sabes?
— Estragar corno?
— Olha, a gente está trabalhando há meses nisso, reunindo provas e tal. Não leva isso pra outro lado porque tu vais atrapalhar a gente...
— Agora é que foi. E aí, o assassinato fica impune?
— Não. Mas primeiro deixa a gente pegar ele. Depois tu entras com essa tua história.
— E se eu me recusar?
— Vai pegar pra ti. Tás entendendo? Vai pegar pra ti. [...] Bom delegado, está avisado. E bom parar porque se não a gente vai te parar. O senhor não vai estragar o nosso trabalho.
Tinha a nítida impressão de que estavam freando a coisa. O que esse tal de Cristóvão tinha de tão bom? Era um assassino e isso era bem pior do que distribuir drogas. Um filho da puta que matou de porrada uma menina linda. Saiu fazendo procuração de Bode. Ninguém sabia. Aquilo já estava ficando estranho. Estranho pacas. (AUGUSTO, 2015, p. 153-155).

Uma situação que é apresentada como uma questão hierárquica da polícia revela-se, ao fim do romance, como uma manobra do criminoso para sair impune ao delito. Há um esquema de propinas que inviabiliza a conclusão da investigação e que será movimentado para que o homicídio do delegado, assim como o de Babalu e o de Bode, fique impune.

Vale salientar que, embora o romance incorpore diversos elementos do gênero policial clássico, que surgiu no século XIX, o texto de Augusto (2015) tece um diálogo com a narrativa brasileira que lhe é contemporânea. Pois a produção literária elaborada no Brasil após a década de 1970 é, segundo Antônio Candido (1989, p. 210-211), marcada pela presença de um **feroz realismo**, que caracteriza-se pela brutalidade da situação que é “transmitida pela brutalidade do seu agente (personagem), ao qual se identifica a voz narrativa, que assim descarta qualquer interrupção ou contraste crítico entre narrador e matéria narrada”. Tal aspecto é recorrente na narrativa de Augusto (1989) e torna-se intenso nas cenas nas quais narra-se homicídios⁷.

⁷ Além dos dois homicídios apresentados, outros crimes, com requintes de crueldade e traços de perversão, são narrados no texto.

No referido ensaio, Candido (1989, p. 211) questiona se essa construção ultrarrealista poder ser tomada como uma estratégia composicional que transforma a violência em um elemento pitoresco para o deleite da classe média. Uma inquietação pertinente, mas que não corresponde a utilização da estratégia no texto de Augusto (2015). Haja vista, ela ser usada para construir um espaço urbano e trazer à tona questões sociais pouco associadas na literatura ao espaço amazônico.

Pelo exposto, temos no romance *Os égua* (2015) um exemplo de romance policial contemporâneo que traz o crime como enigma. Segundo Garcia-Roza, tal questão foi construída a partir do conto “O homem da multidão” (1999), de Edgar Allan Poe. Nele Poe aponta a impossibilidade de compreensão total de um crime, “Há certos segredos que não se deixam contar. [...] E assim a essência de todo crime permanece irrevelada” (POE, 1999, p. 164). A partir dessa sentença o narrador transforma o crime em algo diferente de um problema⁸, que poderia ser traduzido em perguntas: quem matou? Como o crime ocorreu? Quando ocorreu? Etc., torna-o um enigma, cuja característica central recai na impossibilidade de tradução total em palavras, dando ao crime uma dimensão singular e, por conseguinte ao homem que o comete e ao homem que o investiga. Partindo dessa premissa, o crime surge como algo que jamais poderá ser explicado, ele é inatingível, porém, ele pode ser interpretado, a partir dos dados que são expostas na narrativa, e que nela são analisados pelo detetive. No romance em análise temos questões que extrapolam a mera identificação de um culpado, e elaboram o revelar de uma trama narrativa/social passível de ocorrer daquele modo e naquele lugar. Assim, temos na narrativa um processo de composição que alia elementos presentes no gênero policial clássico e elementos da narrativa brasileira contemporânea.

Considerações finais

Com base no que foi exposto, analisar os limites e alternativas encontrados por Edyr Augusto em *Os éguas* (2015) para retratar uma Amazônia fora dos moldes exóticos nos quais ela costuma ser enquadrada, possibilita uma abordagem da dimensão social, pois é possível tomarmos o texto de Proença como uma tentativa de dar voz a

⁸ Quando o crime é tomado como um problema temos uma construção que comporta a ideia de solução, se irá, ou não ser solucionado é algo que fica a cargo da narrativa, mas estamos diante de uma possibilidade de resolução.

uma Amazônia silenciada, excluída, que ao mesmo em que é distante dos avanços encontrados nos grandes centros urbanos, lhe é próxima no que tange a violência e as relações de poder. Em suma, visamos uma reflexão acerca de uma dimensão social que surge, não da explicação de um crime, mas das múltiplas interpretações que esse crime-enigma, elemento central do romance *Os éguas*, possibilita.

Referências

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: _____. *Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, v. I, 1989. (Estudos Literários).

GARCIA-ROZA, Alfredo. "O romance policial" (Ciclo de Conferências "Vertentes da literatura brasileira"). *You Tube*. 17 mar. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1329&v=AiyA-zWVos. Acesso em: 10 dez. 2017

GERMANO, Idilva Pires. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, n. 2, pp. 425-446, 2009

PINTO, Julio Pimentel. Crimes do texto, crimes verdadeiros: a máfia na voz de Leonardo Sciascia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.37, n. 74, pp. 113-133, 2017.

POE, Edgar Allan. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999.

PONTES, Mario. *Elementares: notas sobre a história da literatura policial*. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007.

PROENÇA, Edyr Augusto. *Os éguas*. São Paulo: Boitempo, 1998.

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é o romance policial*. Ed. 2. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros Passos).